

## PROCESSAMENTO DA INFORMAÇÃO SOCIAL E COMPORTAMENTO AGRESSIVO EM CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES DE UM ESTUDO DE COORTE DE NASCIMENTOS BRASILEIRA

LUCIANA RODRIGUES PERRONE<sup>1</sup>; SUÉLEN CRUZ; ANDREAS BAUER<sup>2</sup>;  
JOSEPH MURRAY<sup>3</sup>

<sup>1</sup>PPGEpi/Ufpel – lucianarodriguesperrone@gmail.com

<sup>2</sup>PPGEpi/Ufpel – andreas.bauer.psychology@gmail.com

<sup>3</sup>PPGEpi/Ufpel – j.murray@doveresearch.org

### 1. INTRODUÇÃO

Estudos longitudinais acompanhando crianças desde a primeira infância mostram que comportamentos agressivos iniciam durante os primeiros 2 anos de vida e atingem um pico de frequência entre os 2 e 3 anos, antes de diminuir ao longo do desenvolvimento (CÔTÉ *et al.*, 2007). Porém, uma pequena proporção de crianças tende a manter níveis elevados de comportamentos agressivos ao longo da infância, o que está associado à continuidade de agressividade na vida adulta, dificuldade de adaptação social e abuso de álcool e drogas ilícitas (BARKER *et al.*, 2008).

Numa teoria clássica, CRICK; DODGE (1994) propuseram que o comportamento agressivo infantil pode ser entendido como uma falha no correto processamento da informação social. Eles desenvolveram o modelo SIP (Social Information Processing), que especifica cinco etapas no processamento cognitivo das informações frente a uma interação social, antes que uma ação seja tomada em uma sexta etapa. As seis etapas do SIP são: (1) codificação de pistas sociais; (2) interpretação de pistas; (3) esclarecimento de objetivos; (4) acesso ou construção de resposta; (5) decisão de resposta e (6) atuação comportamental.

No modelo SIP, todas as etapas são afetadas pela memória da criança sobre situações passadas, regras sociais aprendidas, esquemas sociais e conhecimento de comportamentos sociais apropriados ou inadequados (ZIV, 2012). Assim, o ambiente social é considerado fundamental para influenciar as competências do SIP infantil e, portanto, o seu comportamento agressivo. Por exemplo, o baixo nível socioeconômico é um dos preditores mais consistentes dos problemas de comportamento infantil (SONG; COLASANTE; MALTI, 2020). Isso é explicado pelo clima familiar de desconfiança em relação aos “estranhos” gerado pela desvantagem econômica, o que reflete no SIP infantil (RUNIONS; KEATING, 2007). Similarmente, em ambientes familiares estressantes, entende-se que práticas parentais duras e inconsistentes e o controle psicológico reforçam a agressividade infantil (GODLESKI; OSTROV, 2020). A exposição à violência, a depressão materna, o viés de atribuição hostil materna são outros fatores críticos citados na literatura que podem alterar o SIP e o comportamento agressivo da criança (ZIV, 2012).

Dentro do modelo SIP, a variável mais explorada na literatura é o viés de atribuição hostil (VAH), que pode ocorrer na interpretação das pistas (GODLESKI; OSTROV, 2020). Ele é definido como uma super atribuição de intenção hostil para o comportamento dos outros, mesmo quando a intenção é benigna ou a situação é ambígua (CHOE *et al.*, 2013; GODLESKI; OSTROV, 2020). Uma situação ambígua é aquela que o protagonista causa um resultado negativo, mas não é claro se este

resultado negativo foi intencional (VAN DIJK *et al.*, 2019). O VAH é universalmente adquirido no início da vida, mas posteriormente um estilo de atribuição benigno é aprendido pela maioria das crianças. Assim, a manutenção do viés de atribuição hostil, chamado estilo de atribuição hostil, é uma falha em aprender a fazer atribuições benignas (DODGE, 2006). Ainda, o VAH é um conhecido fator de risco para o desenvolvimento de comportamentos agressivos e antissociais que surgem em idades bem iniciais, como na primeira infância (VAN DIJK *et al.*, 2019).

Compreender as raízes da agressividade e da violência em países de baixa e média renda, com elevadas taxas de violência, é particularmente importante para alcançar reduções significativas destes problemas em todo o mundo. Dessa forma, o objetivo deste estudo foi investigar a influência do viés de atribuição hostil na agressividade de crianças pré-escolares em uma grande coorte brasileira e considerar sua associação com outros fatores sociais, familiares e infantis que possam influenciar a agressividade.

## 2. METODOLOGIA

Este trabalho usou dados da Coorte de Nascimentos de 2015 de Pelotas/RS (HALLAL *et al.*, 2018). Este é um estudo longitudinal, de base populacional, em que todas as crianças nascidas no ano de 2015 foram elegíveis pra inclusão desde que suas mães vivessem na zona urbana de Pelotas (N=4275).

O comportamento agressivo foi medido aos 4 anos de idade, utilizando um questionário de um estudo canadense intitulado Etude Longitudinale du Development des Enfants du Quebec – ELDEQ (ORRI *et al.*, 2021; TREMBLAY, 2004). Nove itens do ELDEQ, respondidos pela mãe, foram considerados no estudo, gerando um escore de 0 a 18.

O viés de atribuição hostil foi medido pelo Social Information Processing Interview – Preschool Version (SIPI-P), aos 4 anos (ZIV; SORONGON, 2011). Este instrumento comprehende uma entrevista estruturada, que retrata uma história, ilustrada por ursos, em que um protagonista é rejeitado por dois outros pares em uma situação ambígua. As crianças são questionadas se quem rejeitou o protagonista é mal ou não é mal. Se a criança respondeu que sim, ela foi classificada como tendo o viés de atribuição hostil.

As seguintes variáveis de confusão foram medidas na avaliação perinatal: sexo da criança, idade materna em anos, escolaridade materna em anos completos e renda familiar. Aos 4 anos de idade, foram avaliados: violência no bairro, maus-tratos, mãe com companheiro, depressão materna, comportamento antissocial dos pais, parentalidade inconsistente e viés de atribuição hostil materna, traços insensíveis infantil e desenvolvimento da linguagem.

As análises estatísticas foram realizadas no Stata 15.1. Primeiramente, foram calculadas estatísticas descritivas (% e médias/desvio padrão) para o viés de atruição hostil e agressividade, para toda a amostra analítica, e stratificadas segundo variáveis de confusão. Os escores das variáveis de confusão foram dicotomizados ou divididos em tercis para essas análises descritivas.

Para o viés de atribuição hostil foram utilizados testes de qui-quadrado para comparar as categorias das variáveis de confusão. Para a agressividade foi utilizado o teste t de Student para confundidores dicotômicos e ANOVA para confundidores com três ou mais categorias.

Por fim, utilizou-se regressão linear multivariada para estimar as associações bruta e ajustada entre o viés de atribuição hostil e agressividade infantil. Nestes modelos de regressão, os escores de confusão foram utilizados em seu formato



original. Coeficientes padronizados são relatados. Para todas as análises foi utilizado nível de significância de 5%.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na amostra analisada, metade (50,3%) das crianças eram do sexo feminino; a maioria das mães tinha entre 20 e 34 anos (70,9%) e nove ou mais anos de escolaridade (65,4%).

Considerando as variáveis de interesse principal, 70,6% das crianças ( $n = 2.569$ ) apresentaram viés de atribuição hostil e o escore de agressividade teve média e desvio padrão de 4,19 e 3,37, respectivamente. As variáveis idade materna, escolaridade materna, renda familiar, comportamento antissocial dos pais e viés de atribuição hostil materno mostraram associação significativa com o viés de atribuição hostil infantil. Mais precisamente, as crianças com mães mais escolarizadas, mais velhas e com renda familiar mais alta apresentaram menor prevalência de viés de atribuição hostil. Entre as variáveis do nível familiar, o viés de atribuição hostil foi fortemente associado ao comportamento antissocial dos pais e ao viés de atribuição hostil materno.

A agressividade infantil mostrou associação com todos os fatores de confusão explorados, com exceção de idade materna. Maior violência no bairro, ser do sexo masculino, menor escolaridade materna, menor renda familiar, presença de maus-tratos, mãe sem companheiro, depressão materna, presença de comportamento antissocial dos pais, maior parentalidade inconsistente, maior viés de atribuição hostil materna, mais traços insensíveis e pior linguagem foram associadas a maior escore de agressividade.

Finalmente, a associação entre o viés de atribuição hostil e a agressividade infantil foi examinada em uma regressão multivariada. Na análise bruta, o grupo de crianças que apresentou viés de atribuição hostil apresentou, em média, 0,09 desvios-padrão a mais no escore de agressividade, comparado àqueles sem viés de atribuição hostil ( $p=0,013$ ). Após ajuste para fatores de confusão, esta associação perdeu sua significância estatística, resultando em um coeficiente padronizado ajustado de 0,05 ( $p=0,113$ ).

### 4. CONCLUSÕES

Não encontramos associação entre o viés de atribuição hostil e agressividade infantil neste estudo brasileiro de base populacional, ao levar em conta fatores de confusão importantes. A agressividade é claramente um comportamento complexo, com múltiplos determinantes biopsicossociais. Os achados deste estudo sugerem que, no contexto brasileiro, outros determinantes psicossociais são mais importantes para a agressividade infantil. As associações bivariadas entre a agressividade e vários fatores familiares e comunitários identificados neste estudo requerem mais investigação para identificar os determinantes mais importantes a focar em intervenções preventivas precoces.

### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARKER, Edward D. et al. Predictive validity and early predictors of peer-victimization trajectories in preschool. *Archives of General Psychiatry*, [s. l.], v. 65, n. 10, p. 1185–1192, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1001/archpsyc.65.10.1185>

- CHOE, Daniel Ewon *et al.* Developmental precursors of young school-age children's hostile attribution bias. **Developmental Psychology**, [s. l.], v. 49, n. 12, p. 2245–2256, 2013.
- CÔTÉ, Sylvana M. *et al.* The joint development of physical and indirect aggression: Predictors of continuity and change during childhood. **Development and Psychopathology**, [s. l.], v. 19, n. 1, p. 37–55, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0954579407070034>
- CRICK, Nicki R.; DODGE, Kenneth A. A Review and Reformulation of Social Information-Processing Mechanisms in Children's Social Adjustment. **Psychological Bulletin**, [s. l.], v. 115, n. 1, p. 74–101, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0033-2909.115.1.74>
- DODGE, Kenneth A. Translational science in action: hostile attributional style and the development of aggressive behavior problems. **Development and psychopathology**, [s. l.], v. 18, n. 3, p. 791–814, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0954579406060391>. Acesso em: 7 ago. 2021.
- GODESKI, Stephanie A.; OSTROV, Jamie M. Parental influences on child report of relational attribution biases during early childhood. **Journal of Experimental Child Psychology**, [s. l.], v. 192, 2020.
- HALLAL, Pedro C *et al.* Cohort Profile: The 2015 Pelotas (Brazil) Birth Cohort Study. **International journal of epidemiology**, [s. l.], v. 47, n. 4, p. 1048-1048H, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/ije/dyx219>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- ORRI, Massimiliano *et al.* Cohort Profile: Quebec Longitudinal Study of Child Development (QLSCD). **Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology**, [s. l.], v. 56, n. 5, p. 883–894, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/S00127-020-01972-Z>
- RUNIONS, Kevin C.; KEATING, Daniel P. Young Children's Social Information Processing: Family Antecedents and Behavioral Correlates. **Developmental Psychology**, [s. l.], v. 43, n. 4, p. 838–849, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0012-1649.43.4.838>. Acesso em: 9 jul. 2021.
- SONG, Ju-Hyun; COLASANTE, Tyler; MALTI, Tina. Taming anger and trusting others: Roles of skin conductance, anger regulation, and trust in children's aggression. **British Journal of Developmental Psychology**, [s. l.], v. 38, n. 1, p. 42–58, 2020.
- TREMBLAY, Richard E. Decade of behavior distinguished lecture: Development of physical aggression during infancy. **Infant Mental Health Journal**, [s. l.], v. 25, n. 5, p. 399–407, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/imhj.20015>
- VAN DIJK, Anouk *et al.* Can Self-Persuasion Reduce Hostile Attribution Bias in Young Children? **Journal of Abnormal Child Psychology**, [s. l.], v. 47, n. 6, p. 989–1000, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/S10802-018-0499-2>
- ZIV, Yair. Exposure to Violence, Social Information Processing, and Problem Behavior in Preschool Children. **Aggressive Behavior**, [s. l.], v. 38, n. 6, p. 429–441, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/AB.21452>
- ZIV, Yair; SORONGON, Alberto. Social information processing in preschool children: Relations to sociodemographic risk and problem behavior. **Journal of Experimental Child Psychology**, [s. l.], v. 109, n. 4, p. 412–429, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/J.JECP.2011.02.009>